

“ESSE É MEU VERBO DE FRATERNIDADE”: QUESTÕES SOBRE FEMINISMO E EDUCAÇÃO PARA MULHERES EM MARIA LACERDA DE MOURA

“ESSE É MEU VERBO DE FRATERNIDADE”: QUESTIONS ABOUT FEMINISM AND WOMEN'S EDUCATION IN MARIA LACERDA DE MOURA

Kathleen Loureiro Santana Reis¹

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de relacionar a história da anarquista, intelectual e feminista Maria Lacerda de Moura aos movimentos internacionais parecidos, além de analisar de que forma as questões de educação e autonomia feminina aparecem na sua obra mais famosa intitulada *A mulher é uma degenerada*, republicada pela editora Tenda dos Livros em 2018. Para a discussão, apoiamos-nos nos estudos de Rago e Biajoli (2017) e Leite (1984), e, da leitura da obra de Moura, pudemos traçar como a luta emancipatória feminina no Brasil caminhava por diversas áreas, inclusive, contestando as teorias científicas e médicas que subjugavam as mulheres em posições ditas naturais de inferioridade intelectual e física.

Palavras-chave: Feminismo; Anarquismo; Educação; Maria Lacerda de Moura.

Abstract: This paper aims to relate the history of the anarchist, intellectual, and feminist Maria Lacerda de Moura to similar international movements, and to analyze how issues of education and women's autonomy appear in her most famous work entitled *A mulher é uma degenerada* (Woman is a

¹ Discente de graduação em História (licenciatura e bacharelado) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente é bolsista do Projeto de Audiovisual Cine-UFU/Dicult. Email para contato: kathleenloureiro@outlook.com. Endereço para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8090385393407698>.

degenerate), republished by Tenda dos Livros publishing house in 2018. For the discussion, we rely on the studies of Rago and Biajoli (2017) and Leite (1984) and from reading Moura's work, we were able to trace how the feminine emancipatory struggle in Brazil walked through several areas, including, contesting the scientific and medical theories that subjugated women in so-called natural positions of intellectual and physical inferiority. **Keywords:** Feminism; Anarchism; Education; Maria Lacerda de Moura.

Introdução: “Se hoje somos, é porque antes outras já foram”²

Grandes discursos e teorias emergiram ao longo do século XIX. Muitos intelectuais estavam preocupados em entender como a consciência humana é construída, se haveria um fim certo e coerente para todas as revoluções que pipocavam desde o setecentos e quais os caminhos que os homens do oitocentos deveriam percorrer para alcançar o correto. Caminhos esses, realmente, percorridos por homens, aqueles que possuíam o falo, considerados os genes da genialidade e as ideias de que eram superiores intelectual, física e fisiologicamente. (SILVA, 2000: 10).

Não só as utopias foram forjadas pelas penas de homens do oitocentos, como também seu culto à masculinidade, a veneração pela força e virilidade do homem. Para autopromoção como centro do mundo, construíram um antagonista, que precisaria ser evitado e/ou destruído, o que Simone de Beauvoir vai denominar em *O Segundo Sexo* como o Outro, enquanto o Homem é o Absoluto e Sujeito (BEAUVOIR, 2016: 13). O Outro sexo seriam as mulheres e os homens que não correspondiam aos

² Título do comentário de Carolina O. Ressurreição, publicados na 4ª edição do livro *A Mulher é uma degenerada* de Maria Lacerda de Moura, org. e edição de Fernanda Grigolin. São Paulo: Tenda dos livros: 2018.

preceitos masculinos, rígidos e eretos, e teriam de ser ofuscados pelo grande falo dos Homens de verdade, aquele Homem com H, notadamente europeu, branco, heterossexual e burguês.

A hierarquia dicotômica central da modernidade é a relação hierárquica entre humano e não humano. A diferença fundamental para aqueles que poderiam ser considerados humanos ou não humanos era em função das noções de gênero masculino versus feminino, também dicotômico. Como escrito por María Lugones:

o processo de colonização inventou os/as colonizados/as e investiu em sua plena redução a seres primitivos, menos que humanos, possuídos satanicamente, infantis, agressivamente sexuais, e que precisavam ser transformados (LUGONES, 2010: 941).

Para alcançar a cunha de ser ser-humano, os colonizados deveriam aceitar a civilização por meio dos papéis do que é ser mulher e o que é ser homem. Esses papéis eram teorizados, tratados e referenciados nas ciências biológicas, médicas e antropológicas em quase todos os cantos europeus formais do século XIX e início do XX.

Apesar da tendência fortíssima no discurso hegemônico sobre a masculinidade se referenciar aos homens burgueses, no bloco de esquerda, ainda que revolucionário, as mulheres trabalhadoras e pobres também sofriam com o silenciamento constante por seus companheiros de fábrica (no caso urbano) ou de lavouras (no caso rural). As mulheres que investiam

em trilhas acadêmicas também tinham de lidar com os processos de apagamento de suas obras, falas e pensamentos.

A militância anarquista, desde o século XIX, engajava-se fortemente nas relações sociais e trabalhistas, fundando sindicatos, organizando atividades culturais, construindo calendários de greves e paralisações de oficinas. Eram responsáveis por disseminar ideias contra a ordem burguesa, o capitalismo, o clero e o Estado. Entretanto, nesse meio também não escapavam as interpretações e ações machistas e de ódio em relação às próprias mulheres do movimento (RAGO, 2017: 16).

O anarquista Joseph Proudhon (apud MAIA, 2016: 20) escreveu o artigo *Crônica estrangeira: As mulheres-autor*, publicado no Brasil transcrito pelo jornal francófono *Courrier du Brésil* no Rio de Janeiro na década de 1850, no qual o autor indicava que as mulheres não teriam capacidade intelectual para escrever e que, mesmo que pudessem, não conseguiriam evoluir à altura da intelectualidade masculina. As outras que de alguma forma alcançaram sucesso nas letras e na ciência foram por acaso, por plágio ou por acidente. Para o anarquista, mesmo tendo fama, as mulheres deveriam continuar seguindo suas vidas humildes, abaixo da inteligência do homem.

O exemplo de Proudhon revela, como já indicado, que, mesmo de teor revolucionário, os ambientes de esquerda e anticapitalistas não foram capazes de acomodar as mulheres e suas questões referentes às suas experiências de vida. Dessa maneira, dentro do movimento anarquista já no século XX, mulheres se uniram para garantir não apenas a desapropriação

de indústrias e terras, como também dos preceitos machistas dentro do movimento revolucionário, que se negavam a aprender e a ouvir mulheres.

Muitos grupos autogeridos por mulheres e para mulheres começam a se formar na Europa e, inclusive, no Brasil. São exemplos a Organização anarcofeminista *Mujeres Libres*, na Espanha, e a *Federação Brasileira para o Progresso Feminino* e a *Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher* no Brasil, além da obra anarcofeminista produzida por Maria Lacerda de Moura, que será tratada mais para frente.

O presente artigo pretende abordar *A Mulher é um Degenerada* e analisar de que forma a autora escreve os assuntos sobre educação, maternidade e feminismo no Brasil do início do século XX, além de comparar com as falas de outras militantes e intelectuais que dialogavam com Moura.

“Transmitir, transformar e transgredir”

Se a questão do apagamento das teorias da esquerda revolucionária, em especial aos ideais anarquistas, está sendo muito comentada por pesquisadores libertários homens e mulheres mundialmente, pesa ainda mais para as mulheres as relações com o apagamento feminino dentro desses espaços. Como tratado no texto de introdução do livro *Mujeres Libres da Espanha: Documentos da Revolução Espanhola* (2017), escrito por Margareth Rago e Maria Clara Pivato Biajoli, a história da Revolução Espanhola apagou quase por completo o envolvimento da Organização *Mujeres Libres* e suas experiências sociais e culturais dentro da sociedade

espanhola que promoveram a luta contra “a ignorância, a opressão e o silêncio em que viviam as mulheres espanholas” (RAGO; BIAJOLI, 2017: 15), sobretudo as mulheres das camadas mais baixas, junto às quais o grupo atuou.

A Organização começa suas atividades em abril de 1932, ainda antes da guerra civil, e tem como fundadora principal a jornalista e poeta Lucía Sanchez Saornil, que nasceu em Madri, no ano de 1895. Trabalhou na Companhia Telefônica de Barcelona, participou de diversas greves, de orientação anarquista, e aderiu à CNT – Confederação Nacional do Trabalho. Essa adesão traz para a jornalista a oportunidade de publicar seus textos sobre emancipação feminina em jornais da época.

Outra representante é a advogada Mercedes Comaposada, que nasceu em Barcelona em 1901, filha de um sapateiro anarquista. Ao longo de sua trajetória enquanto advogada, participou da CNT e notou, com suas experiências em cursos destinados aos trabalhadores, que havia uma dificuldade imensa dos homens em aprenderem e ouvirem as mulheres enquanto elas tentavam lecionar. A partir disso, diversas vezes encontrou-se com Lucía Saornil para debaterem sobre a questão feminina dentro do anarquismo e, observando a ausência de tal, acordaram em promover encontros e debates que seriam frequentados pelas próprias mulheres. A médica-pediatra Amparo Poch y Gascón também participou da criação inicial da Organização. Em seus textos publicados pela revista *Mujeres Libres*, tratou sobre questões da maternidade consciente, defendia o amor

livre e era totalmente crítica aos ideais burgueses, rígidos e castradores para as mulheres (RAGO; BIAJOLI, 2017: 15).

O grupo se iniciou pequeno, porém logo ganhou forma e mais integrantes espalhadas pela Espanha inteira. Grupos locais, assim como o principal, desenvolviam e ofereciam em institutos e casas chamadas *Mujeres Libres* cursos de capacitação profissionalizante e educação formal. As disciplinas aplicadas em vários desses espaços eram: aritmética, geografia, história, literatura, contabilidade, ciências naturais, idiomas, desenho, formação de secretárias, enfermagem e mecânica.

Além de promover eventos e meios práticos de participação cultural e política para inserir, especialmente, as mulheres operárias e analfabetas nos espaços de direito político e social, *Mujeres Libres* tinha a ideia de “despertar a consciência feminina para as ideias libertárias”, sendo possível que essas mulheres se desvinculassem e se desapropriassem dos ideais capitalistas, burgueses e do obscurantismo religioso. Onde criassem de maneira autônoma, anti-hierárquica, relações solidárias e de companheirismo, entre si mesmas e entre os companheiros da luta anticapitalista e, posteriormente, antifascista (RAGO; BIAJOLI, 2017: 19).

A revista que carrega o mesmo nome que a Organização, *Mujeres Libres*, era gerida, editada e escrita apenas por mulheres e tratava de temas relativos às questões femininas, como maternidade, matrimônio, infância, trabalho, questões de gênero. Textos de Maria Lacerda de Moura, que muito produziu no Brasil sobre as liberdades e as emancipações femininas, foram referidos em alguns volumes da revista. Inclusive, houve no volume

10 uma nota referente à prisão de Moura durante o período do governo de Getúlio Vargas. As mulheres, em especial de ideais anarquistas, tentavam formar grupos transnacionais e enviavam correspondências, análises, livros, entre outras produções para fomentar a discussão sobre emancipação, autonomia, mulheres e anarquismo. É o caso do contato que Maria Lacerda de Moura teve com a anarquista ítalo-uruguaia Luce Fabbri.

No Brasil, as discussões de emancipação feminina também emergiram fortemente no início do século XX. A questão da institucionalização do voto feminino foi bastante requerida por diversos grupos locais ditos femininos, mas nem sempre feministas, como o grupo feminino de Júlia Lopes de Almeida, e grupos federais que, no caso de Moura, foram alinhados a causas mais revolucionárias ou reformistas.

Uma representante bastante conhecida é Bertha Lutz, que durante muito tempo tomou a frente das *Ligas pelo Progresso Feminino* e pôde lutar diretamente pela conquista do direito ao voto feminino durante o ano de 1932. O sufrágio feminino, sendo assim, era uma questão central para as mulheres de classe média e classe média alta nos anos 1920 e 1930, mesmo que essas lutas tenham seus inícios ainda nos anos de 1890. Entretanto, a radicalidade que propunha Maria Lacerda de Moura, com o rompimento total com a Igreja e com o avanço em outras áreas que não apenas a político representativa, fez com que Lutz (e as ligas de emancipação) e Moura também tivessem de romper entre si.

Em seu livro, *A Mulher é uma Degenerada*, publicado pela primeira vez em 1924, Moura lança aos leitores:

De que vale a igualdade de direitos jurídicos e políticos para meia dúzia de privilegiadas, tiradas da própria casta dominante, si a maioria feminina continua vegetando na miséria da escravidão milenar? (apud LEITE, 1984: XVII).

Assim como *Mujeres Libres* na Espanha, Maria Lacerda de Moura também evocava para as liberdades femininas, de maneira ousada, que estava contra o discurso hegemônico machista, religioso, ultraconservador, e, também, capitalista.

Ao longo das primeiras páginas de *A Mulher é uma Degenerada*, é possível compreender como a autora, depois de muito aplaudir, percebe que as demandas das mulheres burguesas não são suficientes para suprir todas as necessidades das mulheres operárias, e, portanto, como dito por Isabel Silva em um artigo para o jornal *A Plebe* em 1923, “E eu, como mulher, combatia essa campanha pois aspiro a minha integralização nos direitos sociais, mas a quero completa e de facto” (apud LEITE, 1984: 40), um ano antes da publicação do livro. Um longo ano para Maria Lacerda rever seus conceitos e lançar um ensaio-manifesto sobre as questões femininas.

“Esse é meu verbo de fraternidade”: não se reforma, revoluciona-se.

Maria Lacerda de Moura nasceu em maio de 1887 e morreu aos 57 anos em março de 1945, mudou-se da fazenda Monte Alverne, em Manhuaçu, para a cidade de Barbacena aos quatro anos de idade com sua família. Seu pai trabalhava em um cargo oficial do Cartório de Órfãos e sua mãe era doceira. A educação formal de Moura ocorreu entre a escola de

freiras do Asilo de Órfãos da cidade e depois a Escola Normal Municipal de Barbacena. Iniciou sua vida profissional como professora (1908) e jornalista (1912) e participou ativamente das campanhas contra o analfabetismo da cidade de Barbacena.

Ao longo de todos os anos que viveu em Barbacena, até seus 34 anos, publicou crônicas e realizou conferências em torno da questão da educação. A visibilidade que ganhou com escritores e jornalistas do eixo Belo Horizonte – São Paulo – Juiz de Fora – Rio de Janeiro proporcionou para ela a oportunidade de se mudar para São Paulo em 1921. Na cidade grande, entra em contato com inúmeros grupos feministas e femininos e, a partir desse momento, se detém a escrever sobre as mulheres e as questões que permeiam suas sociabilidades.

Em 1928 muda-se para o município de Guararema e lá estabelece com outros companheiros e companheiras uma fazenda autossustentável e de autogestão até o ano de 1938, onde, desde 1935 sofria diversos atentados, invasões, apreensão de livros, denúncias, prisões e deportações pela política e polícia repressiva de Getúlio Vargas. Foi nessa época que suas obras alcançaram maior maturidade e produção, envolvendo as questões da emancipação da mulher e da luta anticapitalista. Em 1938 retorna ao Rio de Janeiro e começa a deixar de lado as escritas e estudos revolucionários, dando espaço para os estudos sobre ocultismo e horóscopos (LEITE, 1984: VIII-XI).

Seus escritos tinham cunho anarquista, feminista e pacifista. Precursora do anarcofeminismo, foi muito lida por intelectuais, militantes e

escritores tanto do Brasil quanto do exterior. A autora publicou mais de vinte livros, entre eles: *Renovação* (1919), *A mulher e a maçonaria* (1922), *A fraternidade na escola* (1922), *A mulher é uma degenerada* (1924), *Religião do amor e da beleza* (1926), *Amai e... não vos multipliqueis* (1932), *Fascismo: filho dileto da igreja e do capital* (1933), e todos tratavam de oposições aos discursos hegemônicos da época, lutando contra o obscurantismo religioso, contra os estereótipos femininos e contra os ideais burgueses. Foi editora da revista *Renascença*.

Além das lutas anticapitalistas, antifascistas e anticlericais, se dedicou à luta antiespecista³, optando por seguir uma vida vegetariana. E apesar de ser lida durante sua época, hoje em dia sua obra é bastante rara, e apenas alguns dos seus escritos foram reeditados e republicados, com muito esforço inclusive por coletivos anarquistas e feministas.

Seus ideais também eram bastante sensíveis. A autora coloca na introdução do livro *A mulher é uma degenerada*, que seu verbo é a fraternidade, no sentimento de que é preciso criar laços entre os seres humanos para que o bom e justo prevaleça frente às investidas individualistas e capitalistas. Idealizava, na verdade, um individualismo que respeitaria o coletivo e um coletivo que não apagasse as vontades e a liberdade individuais, uma linha tênue possível.

³ Maria Lacerda de Moura criticava o capitalismo, o industrialismo e também como os “animais irracionais” eram explorados e vitimados por conta de um sistema que prezava a tecnociência moderna que se opunha à vida. Na obra *Civilização – Tronco de escravos*, de 1931, Moura busca analisar de que forma os interesses industriais são um atentado à vida e fisiologia dos animais sadios.

Tratando sobre uma dor que é sentida de maneira Universal, tal qual a fraternidade precisava ser cultuada, a autora sinaliza que a “escravidão” das mulheres não será resolvida com a religião ou com a política, é necessário que se quebrem as velharias inúteis para recriar um mundo completamente novo (MOURA, 2018: 13). Para as mulheres deixarem de ser escravas, precisavam de educação formal e aprender a serem fraternas com o mundo e entre si. E esta fraternidade nada tinha próximo de uma fraternidade religiosa, que é descartada por Moura, que dizia o quanto a ideia de caridade estava vinculada com os ideais burgueses (MOURA, 2018: 14). Ao longo do livro é possível perceber como as questões que cerceavam os homens que escreviam as teorias utópicas sobre socialismo e anarquismo aparecem também para Maria Lacerda de Moura.

O livro foi intitulado *A mulher é uma degenerada* como referência à obra do psiquiatra Miguel Bombarda, *A epilepsia e as pseudos-epilepsias*, publicada no ano de 1892, que traz consigo o seguinte trecho sobre a degeneração da sociedade:

A mulher é uma degenerada!... Só o óvulo a salva. Se alguma vez pela energia do espírito a mulher consegue levantar-se, é só depois que a vida sexual tem cessado; só então também a sua organização física tende a aproximar-se da do homem... E é por isso que, desde muito penso que depois da menopausa a mulher é um homem (apud GRILLO, 2015: 220).

O livro inteiro de Moura tenta rebater essa tese e de outros cientistas da época que entendiam que as mulheres eram degeneradas e inúteis para a

sociedade, a não ser para procriação. Os capítulos analisados a seguir neste artigo são os capítulos *1 - A Mulher é uma Degenerada* e *2 - Das vantagens da educação intelectual e profissional da mulher na vida prática das sociedades*. Segue com mais cinco capítulos, totalizando 265 páginas de rebeldia e contestação da ordem social, como dito pela própria anarquista.

A mulher é uma degenerada, (ou as teorias que inventaram para deslegitimar mulheres)

Maria Lacerda de Moura, como ela própria sinaliza ao começar o livro, não tem legitimidade de cientista, porém movimentou diversos trabalhos em português e outras línguas para provar o que quer dizer:

É uma série de reflexões, e, como não tenho a autoridade do cientista senão as minhas leituras e as observações de cada dia – preciso apoiar-me nos cientistas.

Não roubo: não faço como aqueles que não citam porquanto copiam... Não sigo o exemplo numeroso dos tais cientistas que nos dão como se fossem de primeira mão – teses muitíssimo nossas conhecidas. Reivindico os meus direitos: o que é meu – é muito meu (MOURA, 2018: 17)⁴.

A autora começa o primeiro capítulo citando a fala de Bombarda e complementa com a opinião do médico escrevendo que ele sentia que era ridículo “qualquer esforço em prol da independência da mulher e de sua elevação até o homem” e que seria bom se todas as mulheres que

⁴ Ao longo deste trabalho, ao realizar as citações diretas escolhemos manter a grafia original encontrada no livro, por este motivo, algumas grafias de palavras podem estar fora do acordo ortográfico exigido.

pensassem em emancipação fossem esterilizadas. Em resposta, de maneira quase irônica, Moura escreve sobre a possibilidade de a humanidade desaparecer, como são tantas mulheres em busca do caminho da liberdade (MOURA, 2018: 19).

Na primeira parte, intitulada *A mulher é uma degenerada*, a autora se detém em falar sobre os problemas que as mulheres têm em si mesmas que não as deixam seguir para a emancipação total: as mulheres, para Lacerda de Moura, são totalmente cômodas e suas ações são de harmonia, amabilidade e para condizer com os discursos de seus maridos.

Segundo o texto, é necessário que as mulheres deixem esse discurso protetor e patriarcal, para que possam se desamarrar e pensar por conta própria. Aqui podemos fazer uma ponte com o modo como Virginia Woolf trata do tema em *Um teto todo seu* (2014), de acordo com o qual as mulheres devem matar “os anjos do lar”. Dessa maneira, as mulheres não precisariam se sentir obrigadas a serem amáveis, recatadas e do lar. As mulheres não precisariam se desapropriar de seus caprichos, de seus luxos, de seus sonhos. Atuariam como feministas e avançariam sobre os empecilhos do mundo moderno, urbanizado e capitalista, que além de tudo, trouxe uma temível frente disciplinadora e controladora.

Outro tópico que se segue trata da “degenerencia” e da “esterilidade” (MOURA, 2018: 22-29), dois conceitos que foram aplicados apenas para as mulheres. A autora discute quais os pressupostos que serviram de base de afirmação do discurso antifeminista que atribuía às mulheres a degeneração da espécie, mas ignorava as ações que os homens faziam em relação ao uso

de drogas, à violência e à exclusão machista. A partir disso, Lacerda de Moura (2018: 27):

Para a mulher – restam apenas: a inconsciência, a fraqueza sem defesa, a maternidade com o seu cortejo de dôres e amargura e o jugo masculino. E vae tudo muito bem. E ai daquela que protesta, ai daquela que tem coragem de dizer algo fóra das normas estabelecidas (...)

Não trato de mim: reivindico os direitos do meu sexo, de todas as mulheres. Além de tudo o ter filhos – não deve, não póde impedir de pensar. Não são cousas incompatíveis.

Para Bombarda, a esterilização feminina estava completamente ligada à educação que as mulheres recebiam, ou seja, quanto menor a educação, menos chances de não procriar a espécie, sendo assim, a maior parte das mulheres esterilizadas deveriam ser de camadas mais populares. Maria Lacerda rebate veementemente essas colocações e ainda esboça sobre a maternidade livre, a escolha de uma mulher de ser mãe, de amar o fruto de seu ventre e da possibilidade, inclusive, de não casar nem ter filhos. Em outros tópicos, a autora vai tratar sobre o ser mãe, que não impede a formação intelectual e vice-versa. Ser mãe é uma missão relacionada à toda a humanidade, porém, não é preciso submeter as mulheres à maternidade em troca de suas liberdades intelectuais.

Nos próximos tópicos *Das Raças e da sua Pureza e Dolicocefalos e Braquicefalos*, Moura se orienta a partir de várias teses científicas e antropológicas e propõe a discussão sobre a existência de uma “raça pura”, já que no livro de Bombarda, as mulheres degeneradas estão sujando essa

mesma “raça pura”. Ao longo das páginas, a autora mostra como diversos cientistas já provaram que o tamanho do cérebro, de membros e a cor não significam mais ou menos inteligência, portanto, é impossível falar que mulheres são menos inteligentes que homens por terem um cérebro menor. E, para a autora e suas referências, não existe uma raça ariana, pois cita que existe, na realidade, “tantas observações contra antropologia das 'raças'” (MOURA, 2018: 38). Isto posto, como seria possível um mundo em que as mulheres poderiam causar algum atraso em relação à teoria de uma raça pura, que cairia por terra a partir de outros experimentos científicos?

Para a autora, o que irá conduzir mais ou menos a inteligência de um ser humano é o meio. As atividades que o cérebro desenvolve são capazes de evoluir o corpo humano e sua sabedoria, portanto, um cérebro que é inativo por razões externas, estará atrofiado. Dessa forma, ela defende que as mulheres não são inferiores, elas estão inferiores por uma questão autoritária e superior do homem, que prega o protetorado e o patriarcado (MOURA, 2018: 41).

Nos tópicos que seguem o capítulo *Só o ovulo se salva no grande desastre*, Maria Lacerda retoma alguns pontos escritos por Bombarda e defende que não é possível que a natureza tenha errado e criado apenas um ponto que se salve no corpo inteiro de uma mulher. Há uma discussão sobre o papel dos pais para o desenvolvimento do embrião, e é interessante perceber como essas discussões sobre genética ainda não estavam tão bem desenvolvidas no início do século passado.

A parte fundamental desse capítulo consiste em como, a todo instante - tal qual em pontos anteriores -, Moura retoma a questão de que a mulher não é inferior, mas está em posição discursiva inferior, a partir da domesticação que o homem lhe impôs e das futilidades e devaneios com que entram em contato. Outro ponto a se destacar, enfatizado repetidamente pela autora, são as falas de que, para que a espécie não entre em uma degeneração, a mulher precisa ser fundamentalmente educada - acepção que assume teor diferente do modelo proposto por Bombarba.

Para a autora, o impedimento que a mulher tem para evoluir tal qual o homem é a ideia construída de que ela precisa de uma proteção, de que não irá conseguir superar obstáculos sozinha, e para as burguesas, que se acomodam com seus caprichos (MOURA, 2018: 46-50). Segundo Moura, a mulher foi escrava do homem durante muito tempo na história da humanidade e é impossível que tenha desenvoltura de um homem livre, porém, é necessário que se caminhe mesmo que cambaleando. Sendo assim, a falta de “vigor cerebral” nasce diretamente de tantos séculos de escravidão e da falta de educação.

Os homens têm tido por objetivo conservar a irresponsabilidade feminina, a eterna futilidade do sexo, porquanto assim é mais fácil comprá-la com bonbons e rendas e leques e perolas (MOURA, 2018: 60).

No final do capítulo, a autora sintetiza que as mulheres que são exceção provam que muitas outras podem seguir o mesmo caminho: “a exceção é a confirmação de uma lei desconhecida para o cientista”

(MOURA, 2018: 60). No jugo da escravidão, a mulher buscou sua lógica e seu raciocínio, todavia, percebeu que não conseguia andar, por isso, a autora defende a educação formal e profissional para as mulheres.

O próximo capítulo discorre sobre as vantagens da educação das mulheres e se inicia com uma discussão bastante importante até para os dias de hoje:

o homem é homem antes de ser pai (...). E por que razão nos dizem com arrogancia axiomática: a mulher nasceu para esposa e mãe, para o lar? Si o homem, socialmente falando, tem fins a preencher independente do sexo, a mulher não menos, é claro (MOURA, 2018: 70).

Ao longo de todo o capítulo, a autora vai debater como as mulheres primeiro são estereotipadas enquanto mães e esposas, para depois serem tratadas como mulheres e por fim seres humanos. Na frase acima é muito visível como a discussão sobre a existência está posta, o livro inteiro de Moura é sobre como tornar a sociedade um lugar melhor e justo em relação às desigualdades sociais causadas pelo capitalismo. E é a partir da educação – para todos os gêneros – que isso irá acontecer.

A educação póde então ser definida: o aperfeiçoamento de todas as qualidades e faculdades tendentes a um fim social sempre melhor em vista do futuro; o completo desenvolvimento da individualidade para a expansão, para a plenitude de toda a nossa vocação (MOURA, 2018: 71).

Um dos pontos, já discutidos, para defender a educação para as mulheres é sobre a questão de as mulheres não serem um caso perdido: “a mulher é um atrasado pedagógico. Não é mentalmente anormal” e “a mulher é fisiologicamente diferente do homem – não inferior” (MOURA, 2018: 73-75). A partir dessas frases, é possível compreender como a autora também se apropriou dos discursos vigentes para defender sua tese de educação feminina.

Apesar de radicalmente querer acabar com a sociedade que torna as mulheres escravas e que explora o trabalhador, Maria Lacerda de Moura, assim como outros e outras do século XIX e início do XX, acreditava na ciência, no entanto questionava o teor progressista e a tecnociência de uma educação científica libertária, prezando a fraternidade, a natureza, que salvaria a humanidade da degeneração e das doenças. Era assim que baseava suas ideias nas suas obras mais maduras, para a autora:

Si a inteligência feminina se desenvolver pela educação – a espantosa faculdade de reprodução (da brasileira por exemplo) se regulará para dar lugar ao desenvolvimento do cérebro. E haverá mais higiene, mais saúde, menos mortalidade infantil (...) (MOURA, 2018: 77).

Maria Lacerda finaliza seu capítulo depositando na educação a importância emancipatória das mulheres, que sairão dos seus estados de escravidão, que atrasa todas e que também atrasa a humanidade. E é a partir da instrução da mulher que será possível o combate ao capitalismo, à burguesia, ao industrialismo, a partir “dos idealistas de nova ordem social”

(MOURA, 2018: 88). A criança e a mulher, segundo a autora, são os grupos mais prejudicados do capitalismo, e quando esses notarem suas posições na sociedade e modificarem seus estados, todo o mundo poderá girar em prol do bem comum (MOURA, 2018: 89). Para a anarquista, uma mulher instruída não é uma mulher explorada.

Algumas considerações: “Vamos mais longe!”

No início do primeiro capítulo, Moura rebate Bombarda:

Considera “ridículo” qualquer esforço em prol da elevação da mulher até o homem. De que elevação se trata?... O que se vê hoje, é uma mediocridade alarmante por parte do ‘sexo alto’; nem um vislumbre de mentalidade, coisa alguma que provoque desejo de imitação. Pelo contrario. E si a mentalidade masculina norma, comum, tivesse algo de conciente, certamente a mulher não estaria tão ignorante, tão atrasada. Pelo lado moral?... creio bem que não é disso que trata o sr. Bombarda. Demais, é muito medíocre o anseio de ser igual ao homem.... de reivindicar os seus direitos, dentro desta organização social de escravos e maquinas a serviço da mediocracia e do industrialismo. Vamos muito mais longe (MOURA, 2018: 20).

A autora durante muito tempo se deteve em estudar as questões femininas, o antifeminismo e a importância da educação para as mulheres. Escrevia em uma época na qual a modernidade corria pela maioria dos corredores intelectuais do país e os bondes disciplinadores e da higienização social selecionavam quais mulheres mereciam troféus de comportamento adequado. A moral e os bons costumes ditavam quais

teriam as doenças, como a histeria, porque os homens utilizavam diversos códigos que catalogavam a loucura feminina, além de indicar as degeneradas.

Na discussão que a autora faz sobre a esterilidade, ela escreve como era um tema majoritariamente apontado para as mulheres, sendo elas responsáveis pela não concepção. Por outro lado, diferentes mulheres eram obrigadas à esterilização, por conta de sua classe, cor, grau de instrução.

Maria Lacerda de Moura pregava uma revolução, era idealista e acreditava que as mudanças iriam acontecer fora da institucionalidade, da política representativa, dos partidos políticos engessados numa construção de Estado. Para a autora: “não há emancipação feminina sem emancipação humana”, era necessário a criação de uma nova sociedade.

De maneira geral, podemos indicar que as posições tomadas por Moura foram fundamentais para traçar um caminho possível de existência feminina nas primeiras décadas do século XX, que propôs o rompimento com o patriarcado, com a exploração capitalista e o anti-especismo.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo – Fatos e Mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. I.

LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.

LUGONES, Maria. Rumo ao Feminismo Descolonial. *Revista Estudos Feministas*, 2014. (Trabalho original publicado na revista *Hypatia*, v. 25, n. 4, 2010)

MAIA, Ludmila de Souza. *Viajantes de saias*: gênero, literatura e viagem em Adèle Toussaint Samson e Nísia Floresta (Europa e Brasil, século XIX). 2016. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/305705/1/Maia_LudmiladeSouza_D.pdf>.

RAGO, Margareth; BIAJOLI, Maria Clara Pivato. *Mujeres Libres da Espanha*: Documentos da Revolução Espanhola. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, online, v. 20, n. 3, p. 10, 2000.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de: Bia Nunes de Souza. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Fonte

MOURA, Maria Lacerda. *A Mulher é uma degenerada*. Organização e edição de: Fernanda Grigolin. 4. ed. São Paulo: Tenda dos livros, 2018.

Recebido em: 04/03/2021

Aceito em: 06/05/2021